



Tendências, riscos e oportunidades em um mercado em consolidação

**Pesquisa sobre Criptoeconomia
no Brasil em 2025**



Conteúdo

	Apresentação	03
01	Perfil do mercado	05
02	Soluções, produtos e prioridades tecnológicas	12
03	O papel estrutural do <i>blockchain</i>	17
04	Tokenização como vetor de inclusão e eficiência	23
05	O lugar das criptomoedas	29
06	Expectativas para o desenho do mercado	34
07	O futuro dos pagamentos digitais	41
08	Considerações finais	45
	Contatos	47

Apresentação



Fruto de uma iniciativa conjunta da PwC Brasil e da Associação Brasileira de Criptoeconomia (ABcripto), este relatório pretende oferecer uma visão abrangente sobre os rumos da criptoeconomia no Brasil, com base nas percepções de empresas sobre oportunidades, riscos, inovações e exigências regulatórias que moldarão o setor nos próximos anos.

Os dados da pesquisa revelam um mercado que, embora ainda concentrado em serviços financeiros, já avança rumo à diversificação. Criptomoedas mantêm seu papel de destaque, enquanto a tokenização desponta como motor de inclusão e eficiência. Além disso, o *blockchain* se firma como base tecnológica, mesmo diante de desafios de escala e integração.

A regulação se destaca como fator decisivo: os participantes demonstram confiança nos órgãos reguladores, e a expectativa é que regras claras aumentem a credibilidade, atraiam investimentos e fortaleçam a competitividade global.

Nesse cenário, o novo projeto que substituirá o DREX (a ser proposto pelo Banco Central do Brasil) poderá simbolizar uma nova fase, mas dependerá da integração entre agentes e da segurança jurídica.

Paralelamente, temas como cibersegurança, prevenção a fraudes e capacitação ganham caráter urgente, reforçando que a evolução tecnológica precisa caminhar de mãos dadas com a confiança do mercado.

Entre desafios e avanços, o otimismo prevalece. As empresas projetam crescimento acelerado, impulsionado pelo amadurecimento do ecossistema e pela valorização de ativos como o bitcoin, que segue como termômetro do setor.

Convidamos você a explorar essas tendências nos próximos capítulos, que detalham como os diferentes modelos de negócios, tecnologias e regulações se entrelaçam na construção da criptoeconomia nacional.



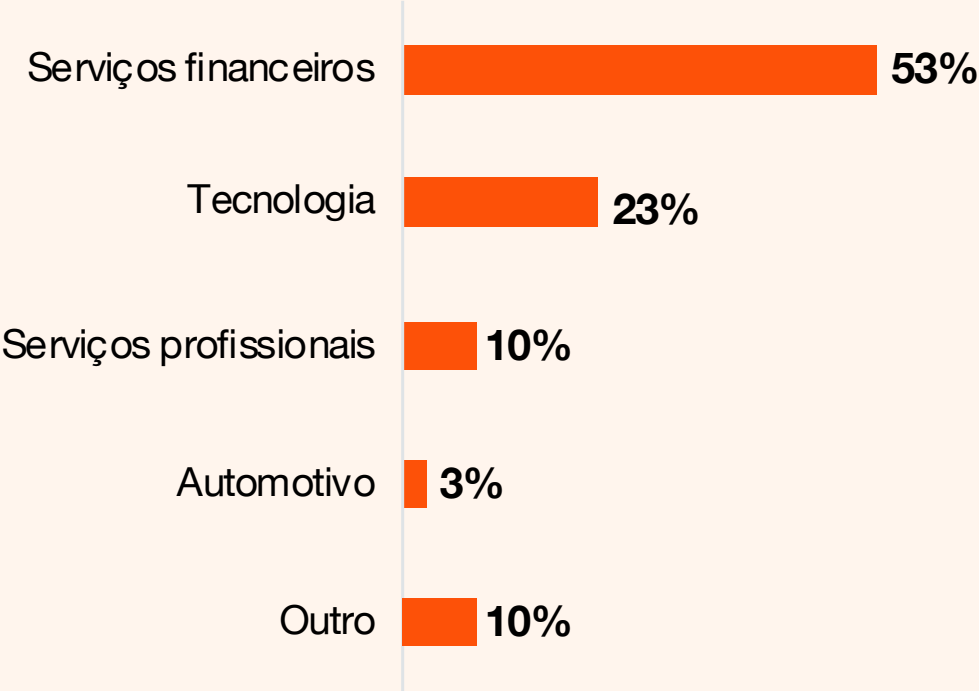


01

Perfil do mercado

Nossa pesquisa revela que a criptoeconomia no Brasil ainda é fortemente ancorada no setor financeiro. A maioria dos respondentes (53%) são fornecedores ou empresas ligadas a serviços financeiros, o que reflete a predominância de *players* que, mesmo não sendo instituições bancárias tradicionais, atuam em áreas correlatas ou dependentes do sistema financeiro.

 Setor em que atua



Essa concentração se reflete em outro ponto relevante: 63% das empresas não têm qualquer tipo de licença bancária, o que revela que as licenças existentes não atendem plenamente ao setor e há oportunidade de expandir o entendimento regulatório.

Muitas dessas organizações são novos entrantes, que agora se deparam com a necessidade de adequação a regras de *compliance*, autorizações formais e possíveis registros como *Virtual Asset Service Providers* (VASPs).

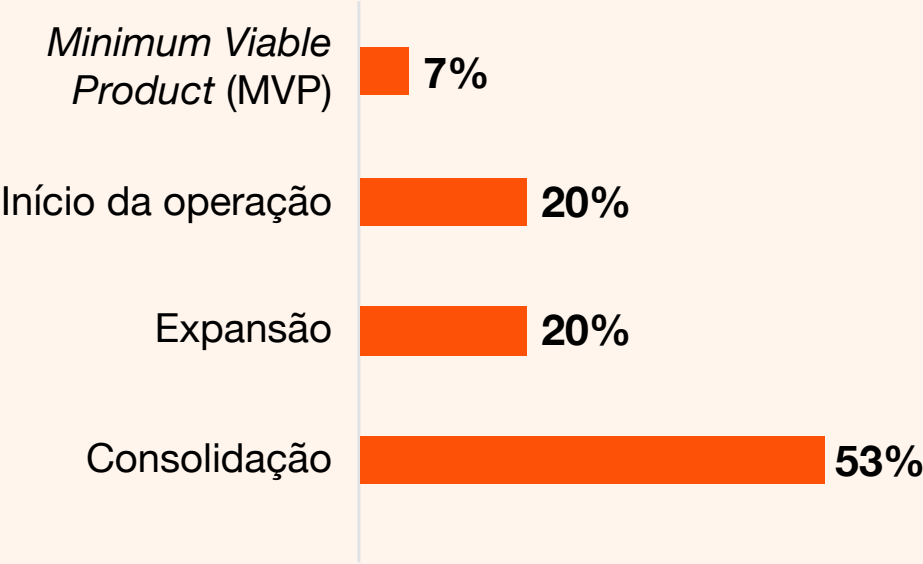


Tipo de licença bancária



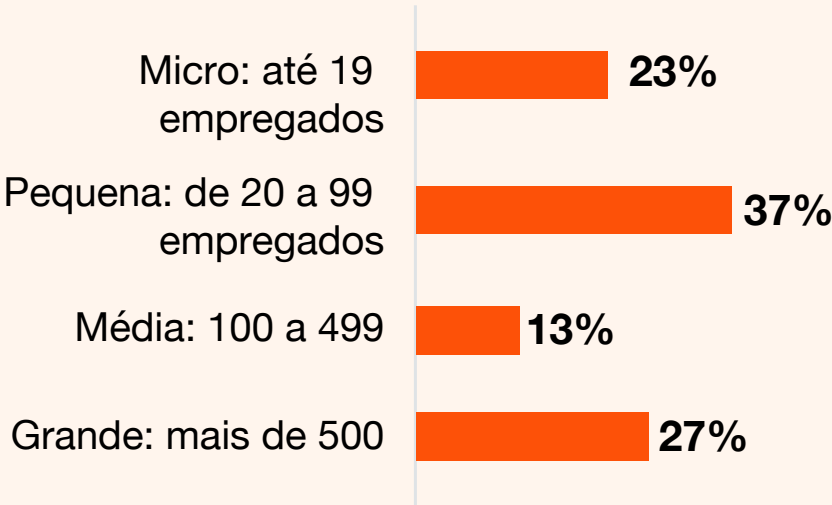
O retrato das empresas revela ainda um ecossistema em maturação. A maioria se encontra na fase de consolidação (53%), seguida por estágios de expansão ou início de operação (20% cada).

Estágio de maturidade



O número de funcionários acompanha esse perfil, com maior peso em organizações de pequeno porte (37%), mas também presença significativa de grandes empresas com mais de 500 empregados (27%).

Funcionários

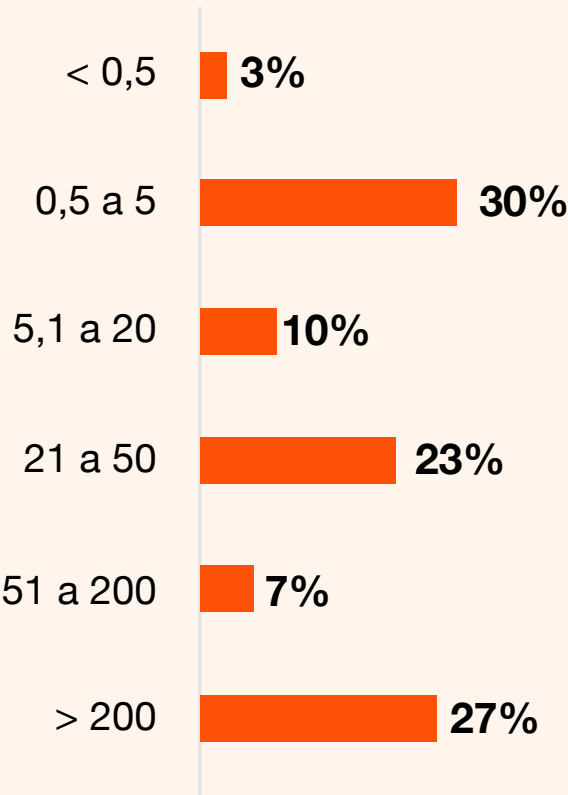




No aspecto financeiro, o faturamento é bastante distribuído: 30% movimentam entre R\$ 0,5 e R\$ 5 milhões, enquanto 27% já superam a marca dos R\$ 200 milhões, mostrando a coexistência entre *startups* em fase inicial e *players* mais robustos.

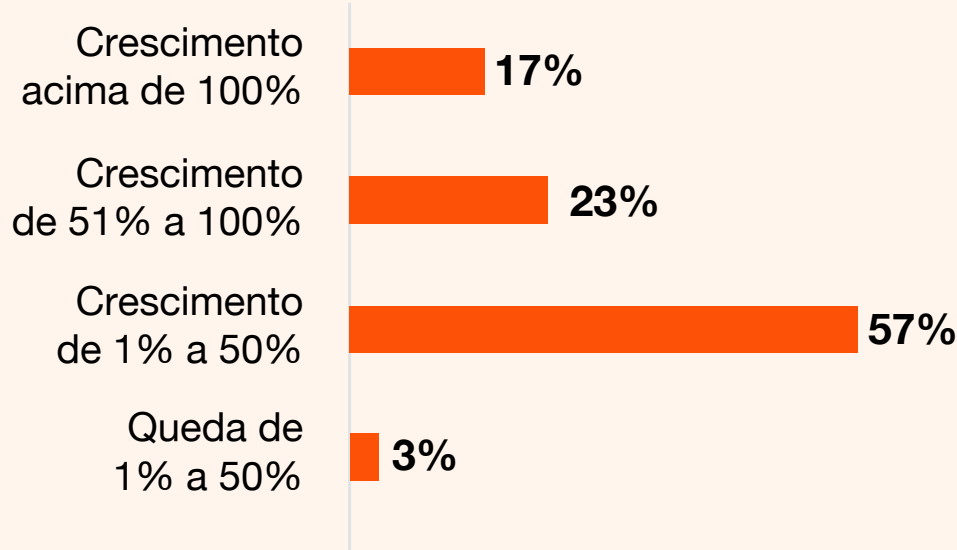


Faturamento (2024, em R\$ milhões)



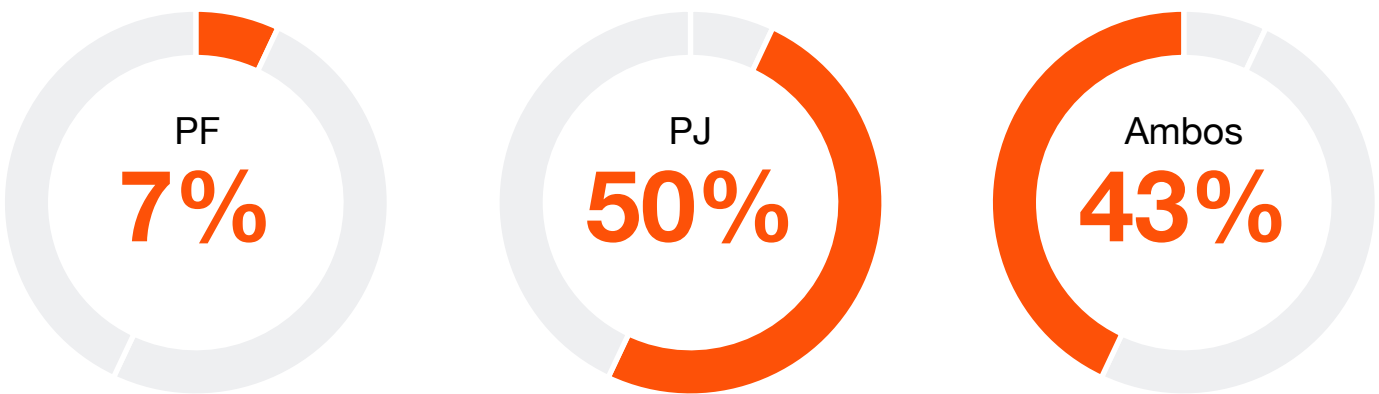
Essa heterogeneidade contribui para expectativas distintas de crescimento: embora 57% prevejam expansão entre 1% e 50%, outros 23% projetam avanços de até 100% e 17% apostam em crescimento superior a esse patamar.

 Expectativa de crescimento



O perfil dos clientes é equilibrado, com 50% das empresas atendendo pessoas jurídicas, 7% atuando com pessoas físicas e 43% servindo ambos os públicos. Esse dado reforça a diversidade de modelos de negócio e a multiplicidade de frentes em que a criptoeconomia vem se expandindo no país.

 Perfil dos clientes





A criptoeconomia é muito mais do que criptomoedas ou *blockchain*. É um novo olhar para os negócios, sob uma perspectiva descentralizada, inclusiva e democrática. O otimismo depositado no ecossistema é real, mas carrega a consciência de que ainda há muito a ser feito em relação à segurança, capacitação profissional e educação do consumidor. Se os desafios forem superados com responsabilidade, a criptoeconomia tem potencial para transformar o mercado financeiro e a forma como investimos.”

Fábio Cassio Costa Moraes,
diretor de Educação e Pesquisa da ABcripto



02

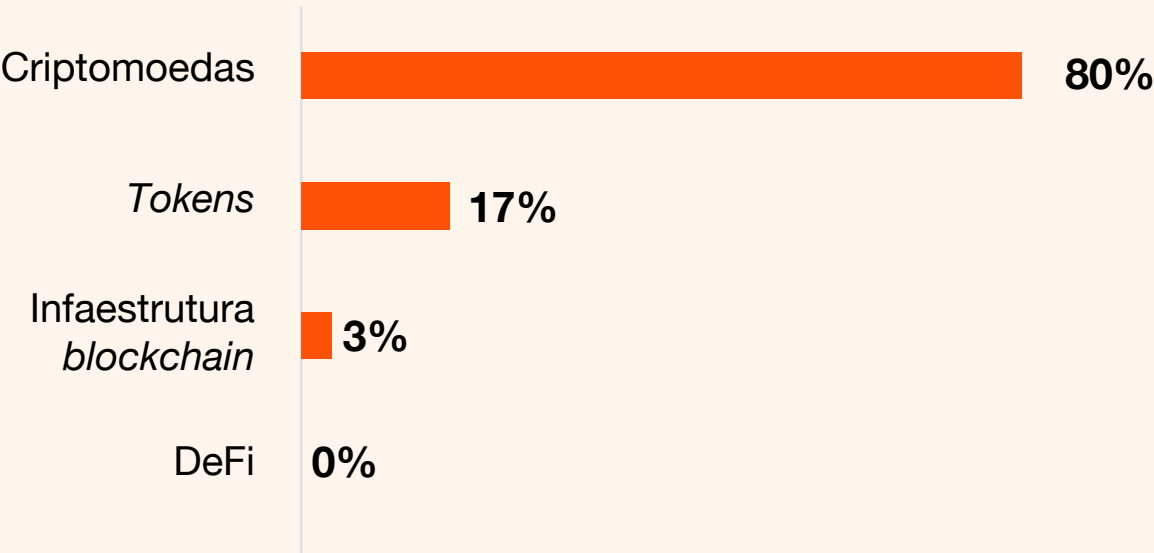
Soluções, produtos e prioridades tecnológicas

As criptomoedas continuam sendo apontadas como a tecnologia de maior impacto para os negócios, figurando claramente em primeiro lugar para as empresas da amostra (80%).

Isso confirma seu papel como porta de entrada natural da criptoeconomia, já que moedas digitais são a aplicação mais difundida, seja em operações de investimento, seja na intermediação de transações.



Qual destas tecnologias é a principal prioridade considerando o impacto para o seu negócio?



Não por acaso, 70% das empresas afirmam que *blockchain*, cripto e tokenização são suas principais fontes de receita, enquanto 30% as tratam como complementos aos produtos e serviços oferecidos. Esse dado mostra que as tecnologias já deixaram de ser vistas apenas como inovação periférica e se consolidam como modelo central de monetização.

💡 **Blockchain, cripto e tokenização para a empresa**



Os *tokens* são a segunda tecnologia de mais impacto, mencionados por 70% dos respondentes. Esse resultado indica uma diversificação do setor, que começa a explorar novos modelos de negócios baseados na tokenização.

Nos produtos atuais, a gestão de *tokens* ainda aparece de forma mais tímida (17%), mas quando olhamos para os próximos anos, o cenário muda: 30% das empresas planejam oferecer *tokens* de ativos reais, mostrando que a tokenização avança como vetor de crescimento estratégico.

Essa tendência se explica pela percepção de que a tokenização gera eficiência operacional. “Ela já nasce com lastro pronto”, como ressalta a sócia da PwC Brasil, Ana Gonçalves, o que reduz custos com auditorias e processos de verificação.

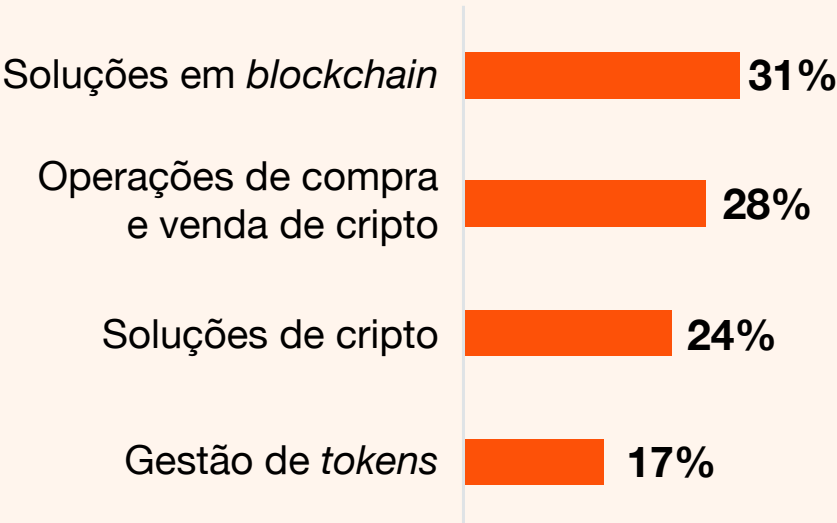
Essa característica facilita aplicações em fundos de investimento, crédito e garantias. Ainda assim, existem barreiras importantes: escalabilidade, integração entre sistemas e a necessidade de preparar equipes técnicas são os principais entraves mencionados.

O *blockchain*, por sua vez, se destaca como a terceira tecnologia de mais impacto (63%), o que reafirma sua posição como infraestrutura de suporte. Entre as soluções que melhor refletem os produtos atuais das empresas, o uso do *blockchain* aparece em primeiro lugar (31%), seguido por operações de compra e venda de cripto e soluções de cripto.

Isso confirma a visão de que o *blockchain* é mais reconhecido como base tecnológica do que como produto final, associado principalmente à segurança, rastreabilidade e confiança. Sua principal contribuição está no registro imutável de dados e na transparência das transações. Ainda assim, parte do mercado enxerga como uma tecnologia em busca de aplicações mais maduras.



Soluções que melhor refletem os produtos da empresa



No horizonte de longo prazo, a atenção se volta para o DeFi, ou finanças descentralizadas, tecnologia que surge como a quarta de mais impacto (47%). Hoje, apenas 11% das empresas planejam oferecer soluções nessa frente, mas a expectativa é de crescimento à medida que o ecossistema amadurecer.

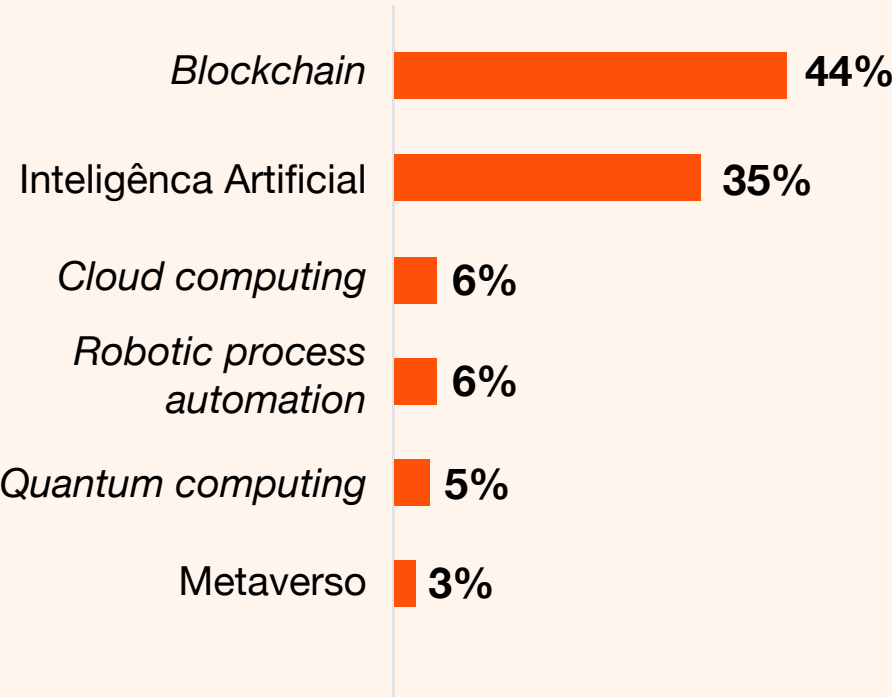
O DeFi, um conjunto de aplicações em *blockchain* que viabilizam serviços financeiros sem intermediários tradicionais, é visto como uma tendência inevitável, com potencial de transformar profundamente os modelos de intermediação financeira.

De forma semelhante, os NFTs (sigla para *tokens* não fungíveis, usados para representar ativos digitais únicos) aparecem como parte das ofertas futuras em 9% das empresas – um sinal de que ainda são considerados nichos em exploração.

Quando se observa a agenda de investimentos tecnológicos para os próximos cinco anos, o *blockchain* volta a liderar (44%) e confirma seu papel estratégico. Logo depois aparece a inteligência artificial (35%), o que evidencia a convergência entre descentralização e automação inteligente.



Tecnologias em que pretende investir nos próximos 5 anos





03

O papel estrutural do *blockchain*

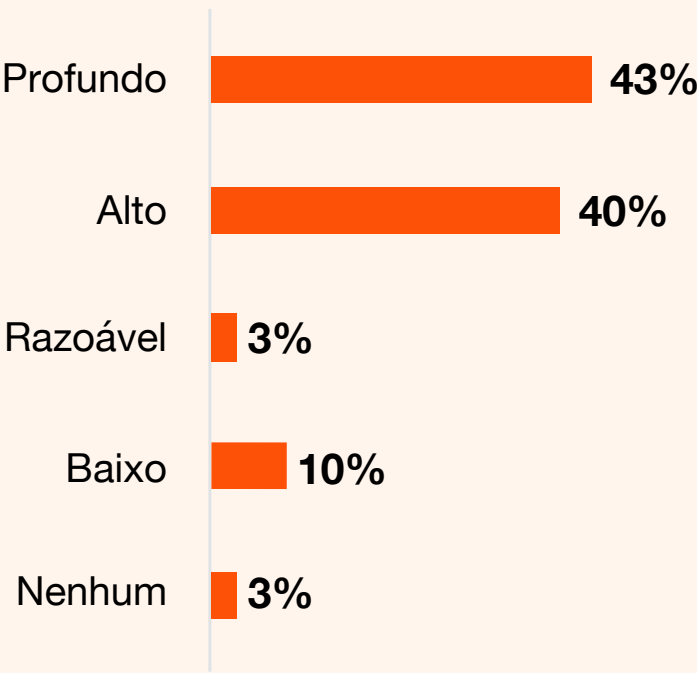
Os dados indicam que o *blockchain* já deixou de ser apenas uma promessa e passou a ocupar um espaço estratégico nas empresas. Há clareza sobre as oportunidades e a capacidade técnica necessária para explorá-las, mas o avanço efetivo depende da superação de desafios regulatórios e da formação de mão de obra qualificada.

O horizonte de consolidação é de médio prazo, com expectativa de que a tecnologia atinja escala significativa nos próximos cinco anos, alinhando inovação, segurança e sustentabilidade regulatória.

As empresas da amostra demonstram um nível de maturidade relevante no uso de *blockchain* e soluções DLT (tecnologias de registro distribuído). A maioria (83%) já apresenta alto ou profundo domínio técnico, com soluções implementadas ou em desenvolvimento, enquanto apenas uma parcela pequena (3%) não tem conhecimento sobre o tema.



Domínio técnico das equipes sobre *blockchain* e soluções DLT



Obs.: domínio técnico alto (a empresa tem soluções implementadas ou em desenvolvimento); baixo (há apenas conhecimento teórico); profundo (há um amplo conjunto de soluções implementadas); e razoável (a empresa tem pilotos em andamento).

A percepção de oportunidades também é clara. Para 77% das empresas, as aplicações de *blockchain* representam oportunidades evidentes, enquanto 20% reconhecem seu potencial, mas ainda não têm clareza sobre como explorá-lo de forma prática.



Apenas 3% afirmam não ver valor nessa tecnologia. Esse cenário mostra que o *blockchain* já não é mais tratado como tendência distante, mas como uma oportunidade estratégica que precisa ser traduzida em modelos de negócios viáveis.

© **Blockchain e soluções DLT são vistos como oportunidades**

77% Sim, tenho clareza das oportunidades

20% Vejo oportunidades mas ainda não tenho clareza de quais são elas

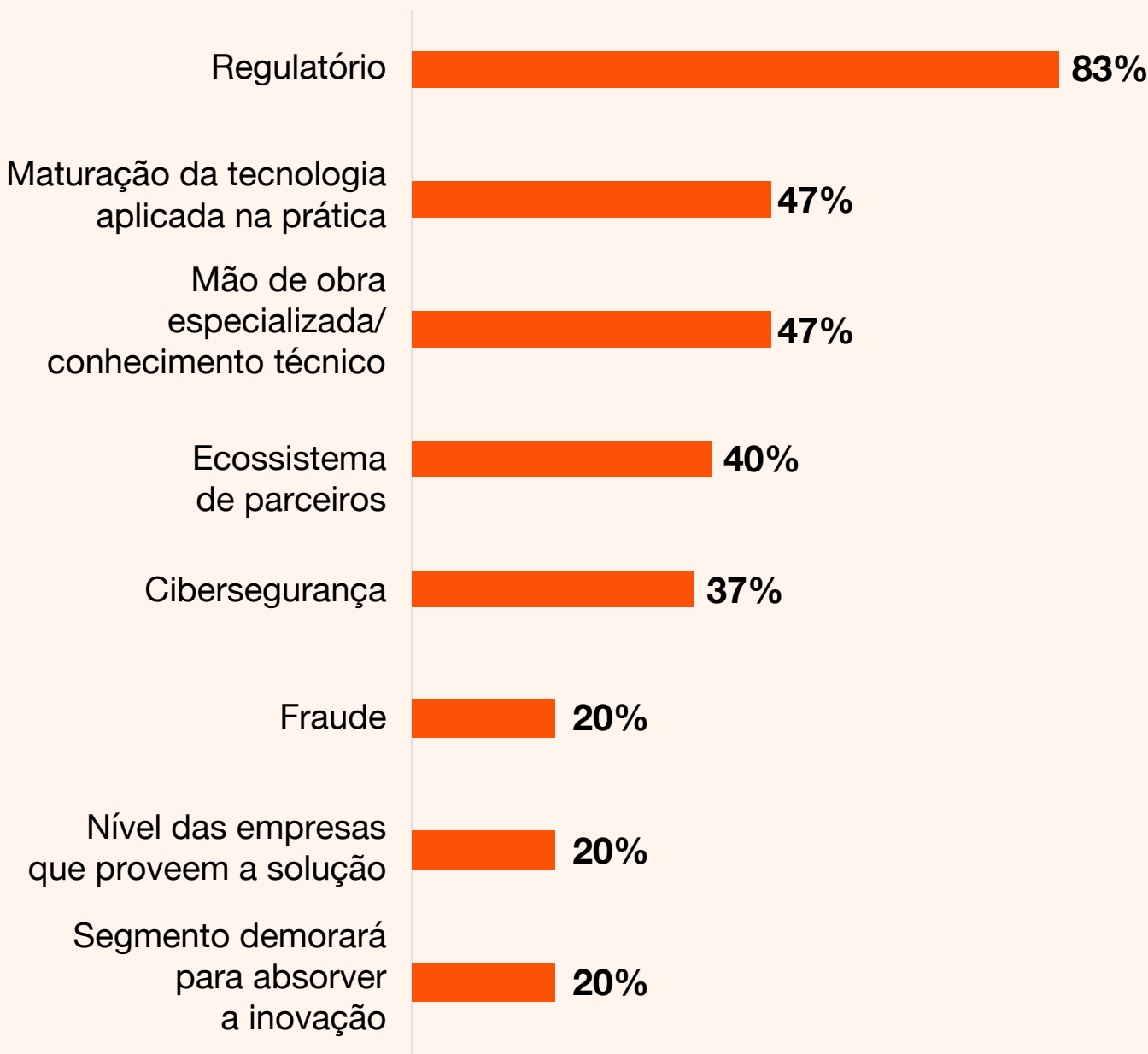
3% Não vejo oportunidades

Os riscos, no entanto, permanecem como fator de atenção. O aspecto regulatório é disparado o principal entrave, citado por 83% dos respondentes, seguido pela maturidade prática da tecnologia e pela escassez de mão de obra especializada, ambos com 47%.

Questões relacionadas ao ecossistema de parceiros, à cibersegurança e a fraudes também aparecem com destaque, deixando claro que a proteção contra golpes e ataques é vista como condição indispensável para a expansão do mercado.

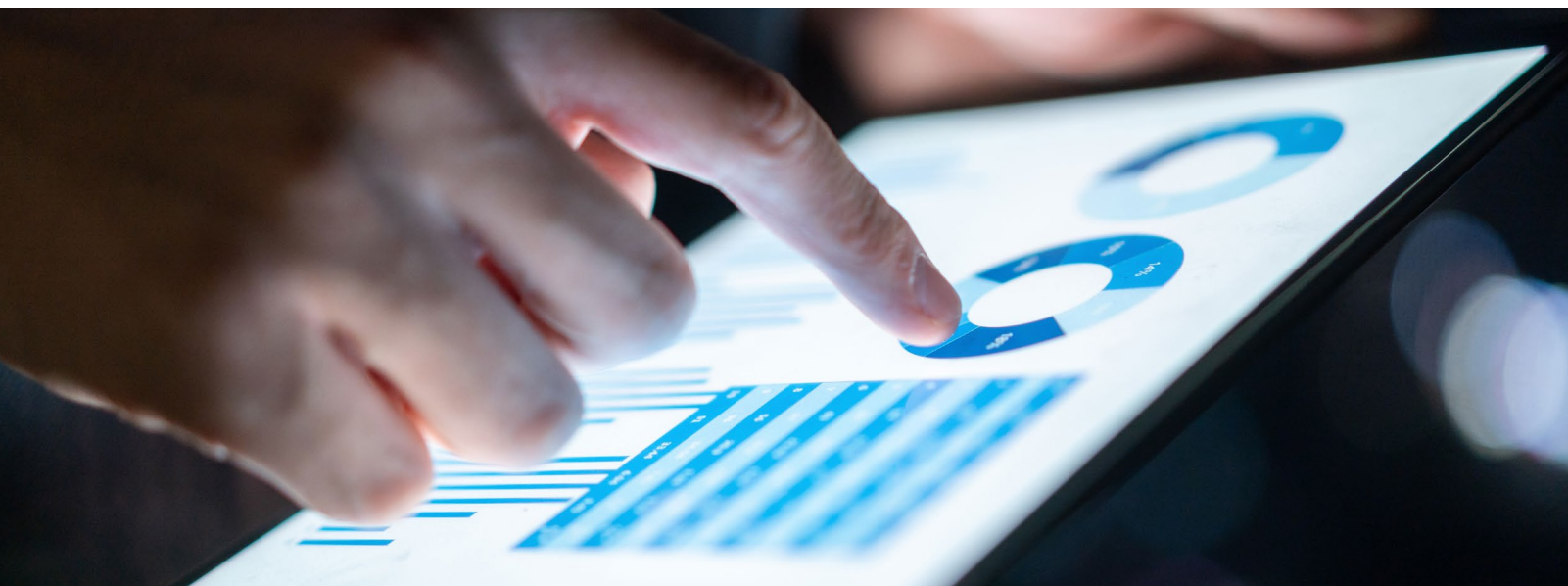


Riscos na aplicação de *blockchain* e soluções DLT



Existe a percepção, no entanto, de que, à medida que o arcabouço regulatório se consolide e que as práticas de governança se fortaleçam, o setor ganhará escala, legitimidade e novos espaços de atuação.

Como alerta o diretor de Educação e Pesquisa da ABCripto, Fábio Moraes, contudo, o maior risco pode não estar na regulação, mas na educação do consumidor: “Falta conhecimento sobre produtos financeiros básicos, o que abre espaço para golpes e fraudes”.



Em relação ao tempo necessário para a consolidação das soluções de *blockchain*, prevalece a visão de que o amadurecimento ocorrerá em médio prazo: 60% das empresas acreditam que isso se dará entre dois e cinco anos. Um grupo menor aposta em consolidação mais rápida, dentro de dois anos, enquanto parcela igual considera que o processo levará mais de cinco anos.

 Tempo de consolidação das soluções de *blockchain*





A tecnologia é uma ferramenta que agrega valor ao trabalho realizado em diversos aspectos do mercado de criptoeconomia, tanto na gestão de riscos quanto na geração de maior eficiência e aumento da capacidade operacional. Por isso, o tema da cibersegurança não pode mais sair da pauta. Ele acompanha o avanço do setor, assim como as práticas de prevenção à fraude. A regulamentação ajudará a organizar o mercado, definindo quem deve operar e como se deve operar, mas, sozinha, não elimina todos os riscos de segurança.”

Ana Gonçalves,
sócia de Digital Assurance & Transparency
– Riscos e Controles da PwC Brasil



04

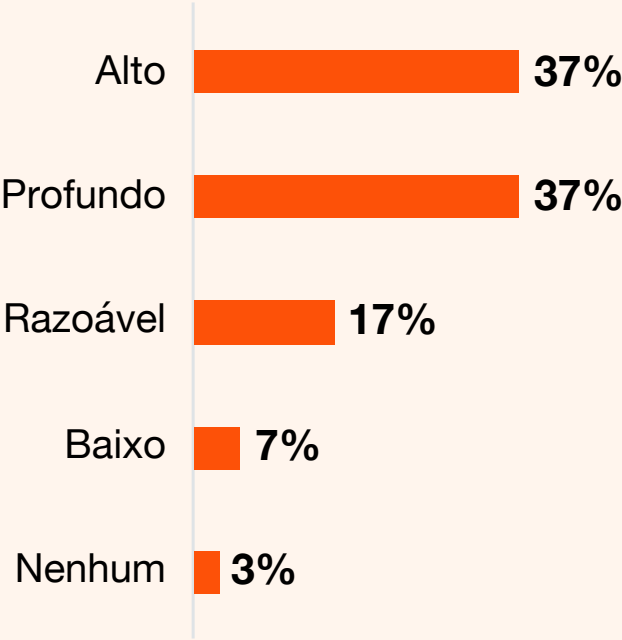
Tokenização como vetor de inclusão e eficiência

A tokenização já é tratada como oportunidade estratégica, com aplicação prática em eficiência, captação de recursos e novos investimentos. As empresas da amostra já apresentam nível significativo de maturidade técnica em relação ao tema. Para 74% delas, o domínio é considerado alto ou profundo, com soluções implementadas ou em estágio avançado de desenvolvimento.

Apenas uma minoria (10%) está em estágios iniciais, com conhecimento baixo ou inexistente. Esse cenário demonstra que o tema já deixou de ser apenas um experimento e está ganhando espaço como prática concreta nas organizações.



Domínio técnico das equipes sobre *tokens*



Obs.: domínio técnico alto (a empresa tem soluções implementadas ou em desenvolvimento); baixo (há apenas conhecimento teórico); profundo (há um amplo conjunto de soluções implementadas); e razoável (a empresa tem pilotos em andamento).

A percepção de oportunidades é bastante clara: 73% das empresas afirmam enxergar aplicações diretas para *tokens*, enquanto 23% reconhecem seu potencial, mas ainda não têm clareza sobre como aproveitá-lo plenamente. Uma parcela muito pequena não vê valor na tecnologia.

🕒 Enxergam *tokens* como oportunidades

73% Sim, tenho clareza das oportunidades

23% Vejo oportunidades mas ainda não tenho clareza de quais são elas

3% Não vejo oportunidades



As empresas enxergam a tokenização como instrumento estratégico de transformação, mais do que como simples inovação tecnológica. A ênfase recai sobre ganhos de eficiência operacional (70%) e diversificação de investimentos, combinados à capacidade de captar recursos e ampliar liquidez. Isso reforça a visão de que os *tokens* podem não apenas gerar melhorias internas, mas também abrir espaço para novos modelos de negócios.



Benefícios das soluções de *tokens* para a empresa ou seus clientes



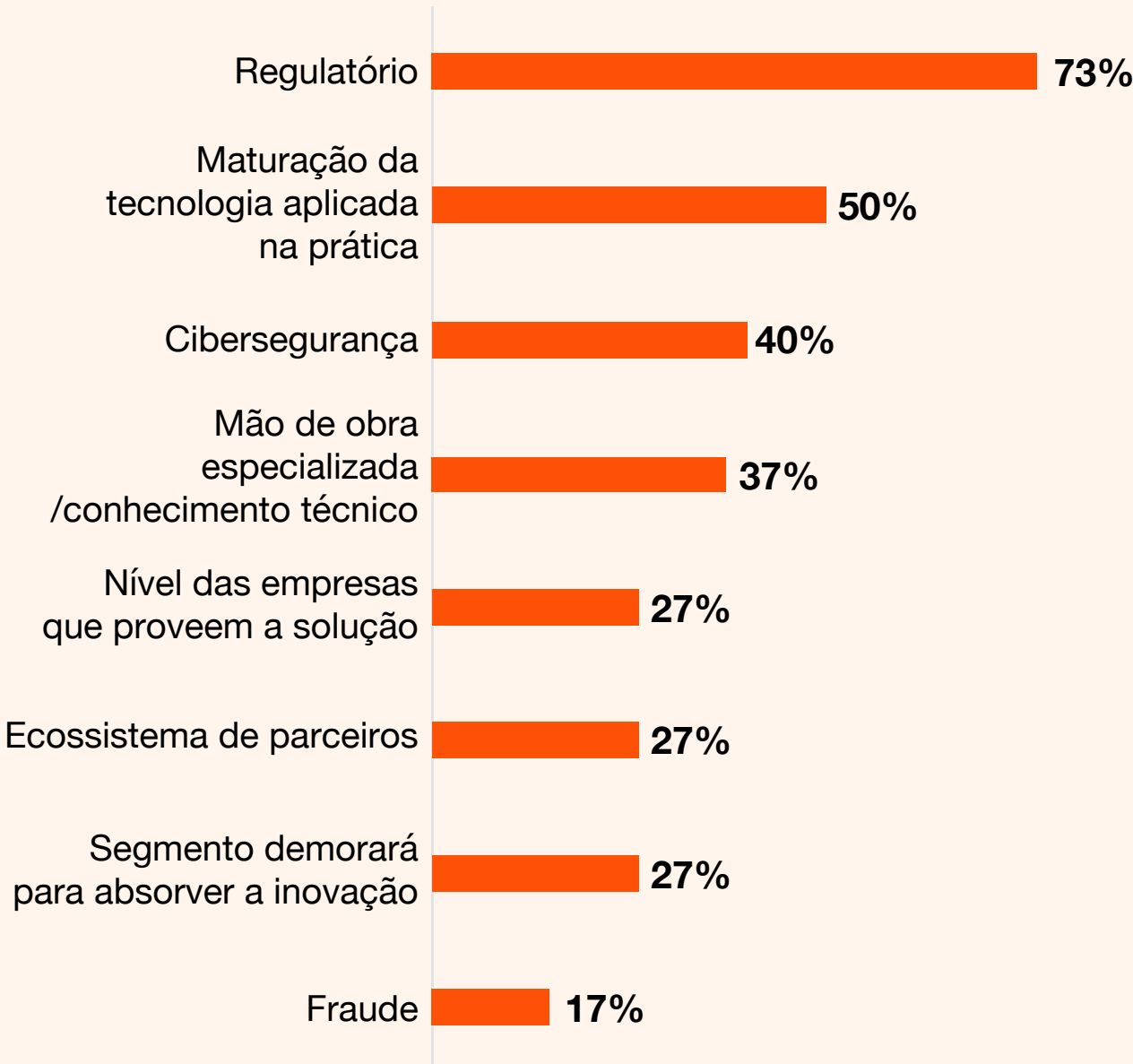
Além da eficiência, a tokenização desponta como instrumento de inclusão financeira. Ao permitir a fragmentação de ativos e a criação de lastros digitais, a tecnologia abre espaço para democratizar o acesso ao crédito e ampliar a participação de novos investidores no mercado.

Como destaca Fábio Moraes, “a tokenização e o DeFi podem trazer acesso a crédito e produtos financeiros para uma população que nunca teve essa oportunidade”. Essa visão coloca a tecnologia não apenas como ferramenta de negócios, mas como elemento de transformação social.

Apesar do otimismo, os riscos ainda são relevantes. Mais uma vez, a questão regulatória representa o maior desafio, criando incerteza jurídica e limitando a escalabilidade dos projetos.

Além disso, há dúvidas sobre a maturidade prática das soluções e sobre a capacidade de proteger sistemas contra ameaças cibernéticas, o que reforça a necessidade de maior robustez tecnológica. Persistem também gargalos relacionados à formação de talentos especializados, entre outras preocupações.

 Riscos na aplicação da tecnologia de *tokens*





Quando se trata do tempo de consolidação da tecnologia, prevalece a visão de que a tokenização se firmará em 2 a 5 anos (60%), com uma parcela acreditando em prazos mais longos (23% acima de 5 anos) e apenas 17% projetando maturidade em até 2 anos. A expectativa, portanto, é que a evolução será gradual, dependente da regulação, do fortalecimento do ecossistema e da maior oferta de talentos especializados.

 Tempo de consolidação das soluções de *tokens*





05

O lugar das criptomoedas

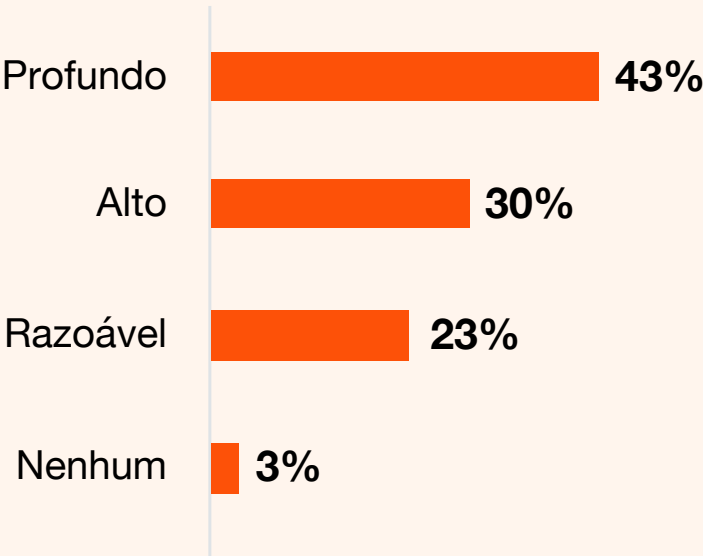
O protagonismo das criptomoedas dentro da criptoeconomia é evidente, consolidando-se como a tecnologia que primeiro ganhou espaço e confiança no mercado. As empresas compreendem seus benefícios e dispõem de capacidade técnica para utilizá-las.

A consolidação plena, no entanto, ainda depende de avanços regulatórios e de maior robustez em termos de segurança e confiança de mercado. Nos próximos cinco anos, espera-se que o papel das criptomoedas esteja cada vez mais integrado às práticas de negócios e ao sistema financeiro tradicional.

A maioria das empresas demonstra domínio técnico significativo das criptomoedas: 73% têm conhecimento alto ou profundo, com soluções implementadas ou em desenvolvimento, enquanto apenas uma pequena parcela (3%) ainda não apresenta familiaridade com o tema. Ou seja, do ponto de vista de preparo, o mercado já avançou para além da fase experimental.



Domínio técnico das equipes sobre criptomoeda



A percepção de valor também é praticamente unânime. Para 97% das empresas, os benefícios das criptomoedas são claros, o que evidencia um avanço na confiança em relação ao uso dessa tecnologia, que está sendo desmistificada.

Os resultados confirmam um entendimento que já se disseminou no mercado: as criptomoedas não se limitam à especulação financeira: elas também são usadas como investimentos, intermediação de transações e novos serviços financeiros.



Benefícios das criptomoedas

97% Sim, temos clareza das oportunidades

3% Não

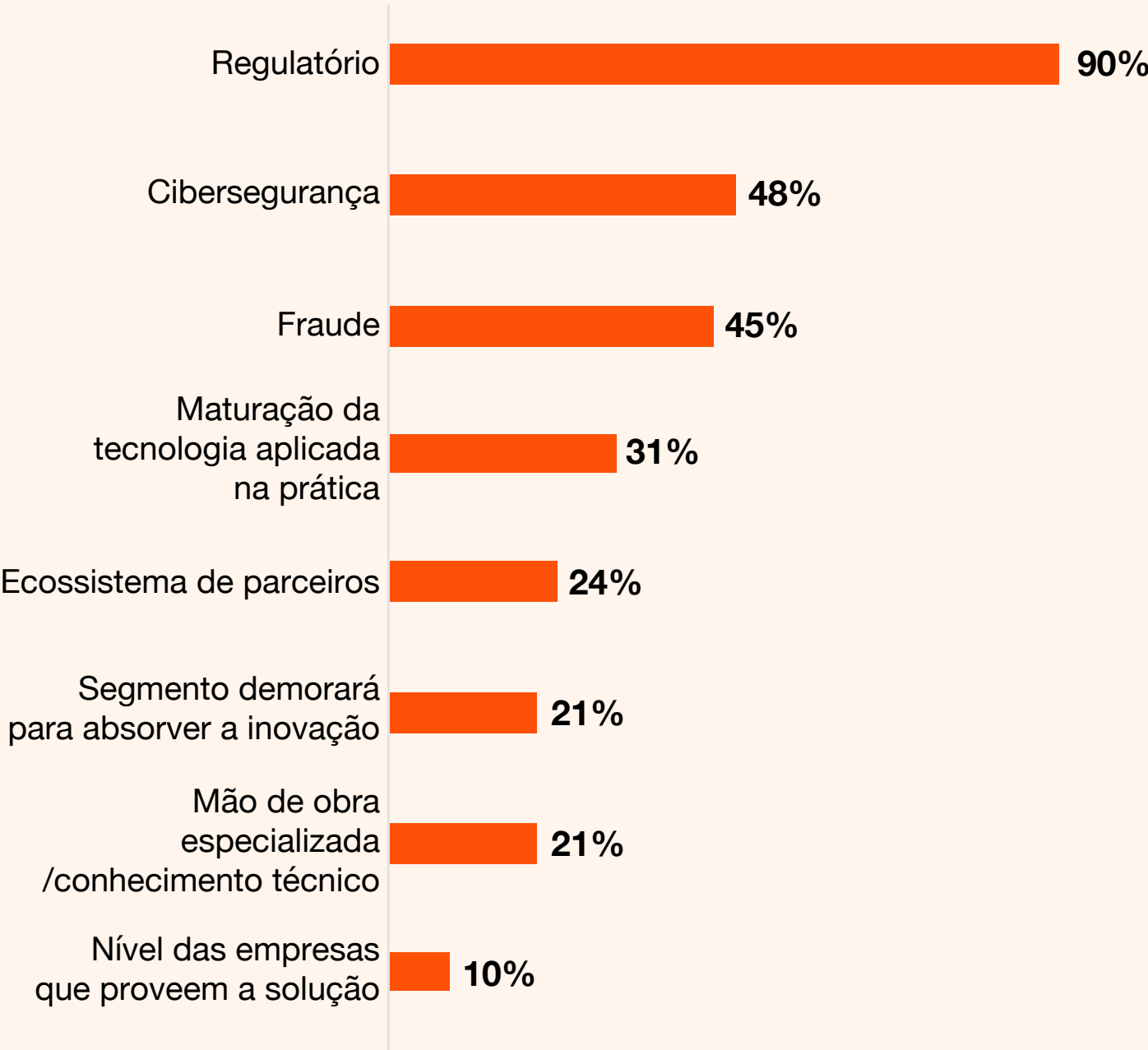


O aspecto regulatório aparece como principal risco, citado por 90% das empresas, como reflexo da ausência de um marco consolidado que traga segurança jurídica para operações de maior escala. Questões ligadas à cibersegurança (48%) e fraude (45%) alimentam a percepção de vulnerabilidade, ainda que associadas a um mercado que cresce rapidamente.

Outros fatores, como a maturidade prática da tecnologia, a solidez do ecossistema de parceiros e a disponibilidade de mão de obra especializada, também entram no radar, mas em menor intensidade.



Riscos das criptomoedas





Quanto ao horizonte de consolidação, a visão predominante é de médio prazo: 57% das empresas acreditam que as criptomoedas se consolidarão entre dois e cinco anos. Ainda assim, 30% projetam amadurecimento em até dois anos, o que indica otimismo quanto à rapidez da evolução do setor. Uma minoria (13%) entende que esse processo pode levar mais de cinco anos.

🕒 Tempo de consolidação das criptomoedas





06

Expectativas para o desenho do mercado

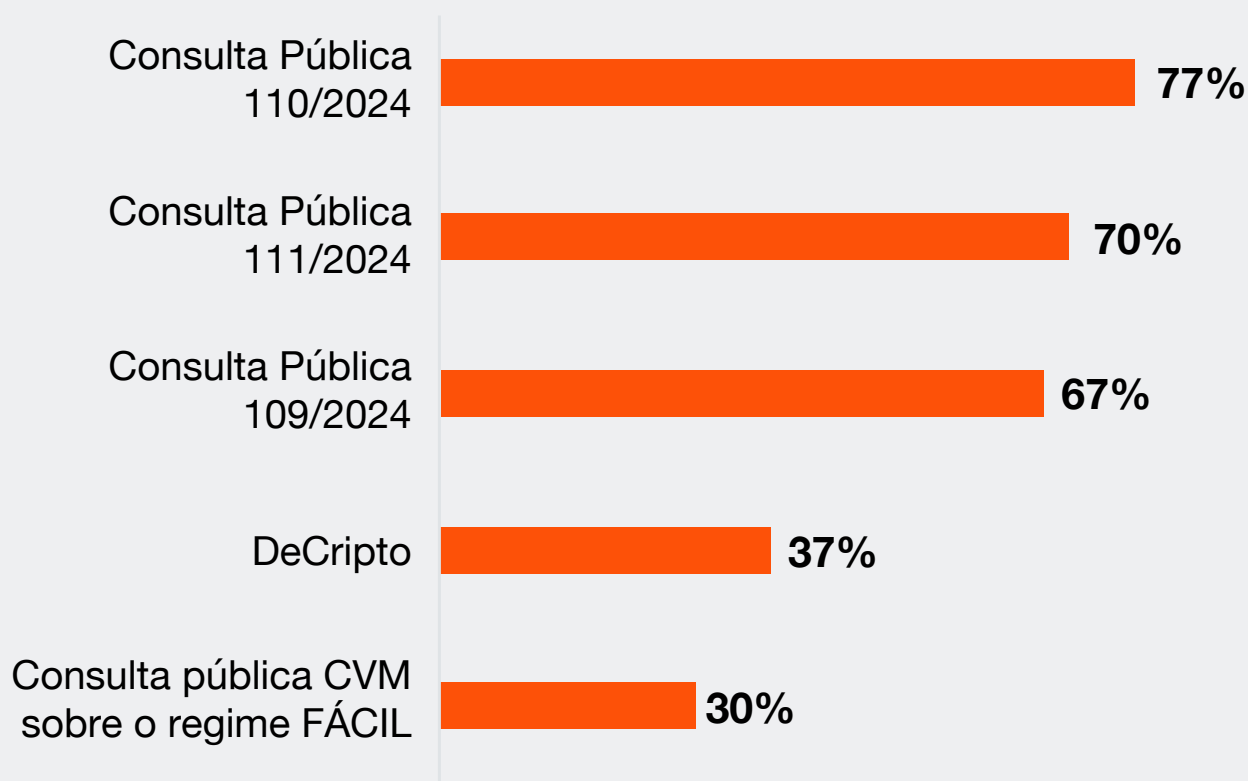
O setor enxerga a regulação como um divisor de águas. A definição de regras claras é, ao mesmo tempo, o maior risco e a maior oportunidade. A ausência de diretrizes definitivas gera insegurança. Um marco regulatório sólido trará ganhos em segurança, solidez e competitividade internacional, mas isso exigirá investimentos consistentes em *compliance*, tributação, governança e tecnologia.

As empresas acompanham de perto as discussões regulatórias, conscientes de seu impacto direto nos negócios. As consultas públicas mais recentes – em especial a 110/2024, sobre a regulamentação dos serviços de ativos virtuais – concentram a atenção por serem vistas como as de maior relevância para a configuração do ambiente regulatório futuro.

Nas palavras de Fábio Moraes, “essa é a grande questão: a ansiedade do mercado sobre como ficará a regulação, se ela realmente incluirá essas empresas ou não”. A preocupação se acentua porque a maioria dos *players* identificados na pesquisa não tem licença bancária – ou seja, são entrantes vindos de fora do sistema tradicional, que agora precisam se adaptar a um cenário de maior rigor regulatório.



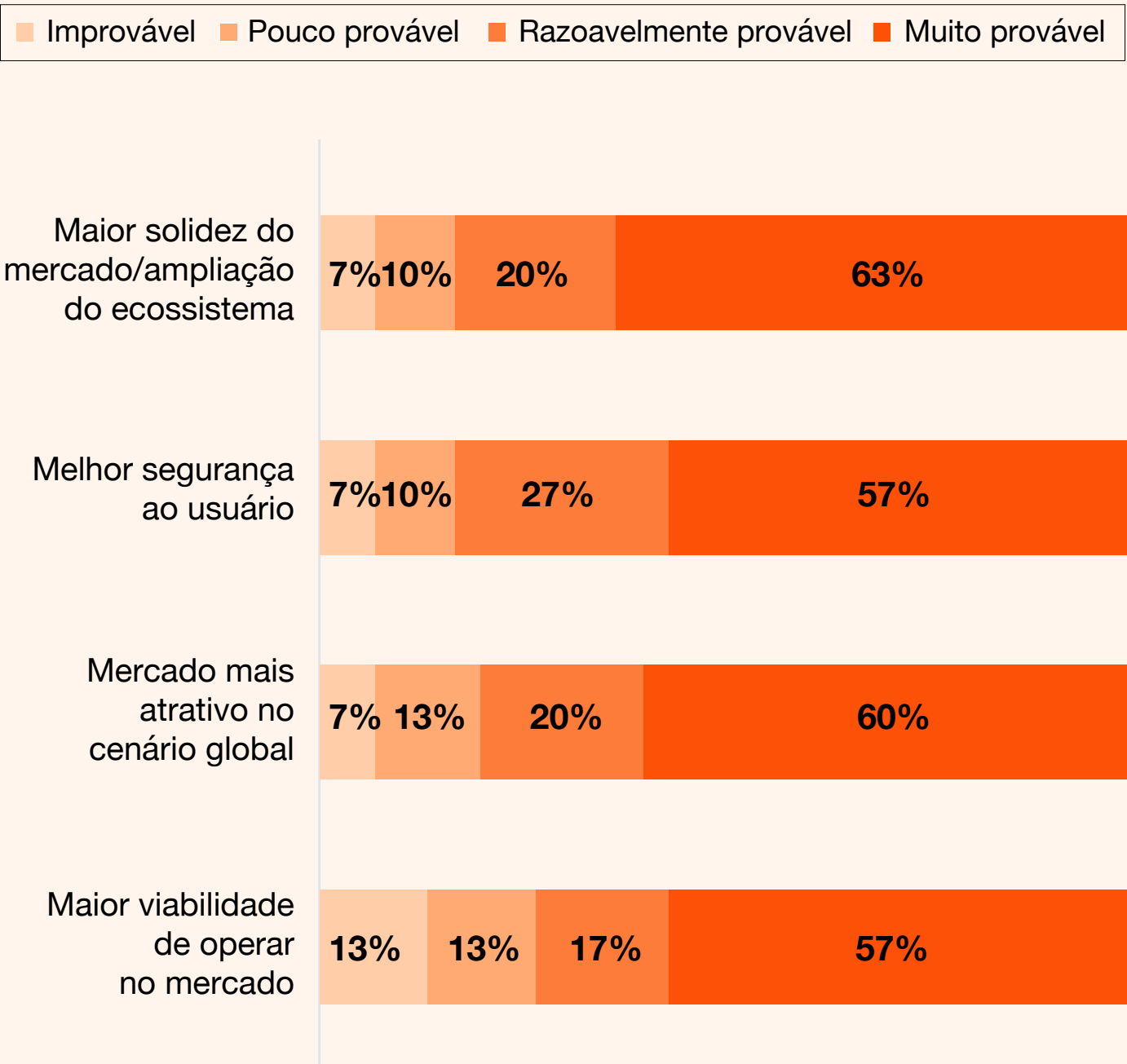
Consultas públicas com maior impacto nos negócios



- **Consulta Pública 109/2024:** sobre a regulamentação dos serviços de ativos virtuais.
- **Consulta Pública 110/2024:** regulamenta os processos de autorizações das sociedades prestadoras de serviços de ativos virtuais.
- **Consulta Pública 111/2024:** define as atividades das sociedades prestadoras de serviços de ativos virtuais (VASPs) no mercado de câmbio.
- **DeCripto:** disciplina a obrigatoriedade de prestação de informações relativas às operações realizadas com criptoativos à Receita Federal do Brasil.
- **Consulta pública CVM sobre o regime FÁCIL (Facilitação do Acesso a Capital e Incentivo a Listagens):** aborda o regime proposto de acesso facilitado de companhias de menor porte ao mercado de capitais.

Apesar da ansiedade em relação aos riscos, a percepção é de que as novas regras trarão benefícios estruturais. Entre os mais citados estão o fortalecimento do mercado, a ampliação do ecossistema, maior segurança para o usuário e o aumento da atratividade internacional. Também se destaca a expectativa de que a regulação ofereça condições mais claras e seguras para a atuação das empresas, favorecendo um crescimento sustentável.

 Benefícios das novas regulamentações para os negócios



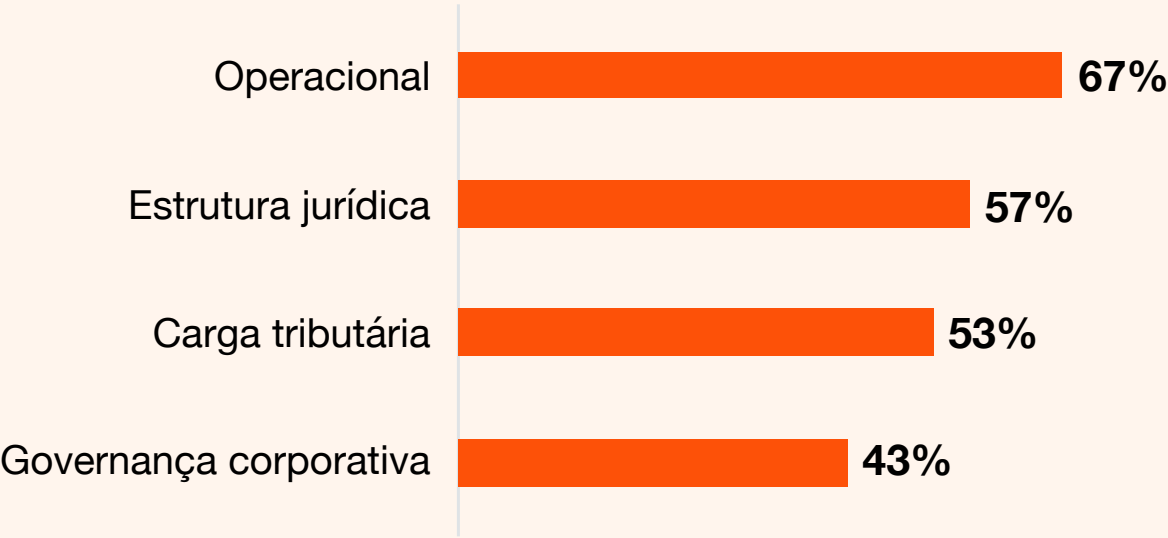
Uma possível explicação para essa confiança é a tradição brasileira de solidez regulatória, reforçada por casos de inovação bem-sucedida, como o Pix. Para Ana Gonçalves, “o regulador brasileiro tem capacidade técnica e governança. A questão não é se conseguirá regular, mas como as exigências se aplicarão na prática”.

Ainda assim, os desafios não são ignorados. Segundo 37% das empresas, o esforço necessário para atender às novas regras será elevado. O custo e a complexidade operacional aparecem como principal barreira, seguidos por preocupações ligadas à estrutura jurídica e carga tributária.

A regulação é percebida como necessária e inevitável, mas também como algo que exigirá investimentos relevantes em processos, sistemas e governança. Esse equilíbrio entre benefícios esperados e custos de implementação mostra que as empresas estão conscientes de que a maturidade do setor virá acompanhada de esforço adicional.

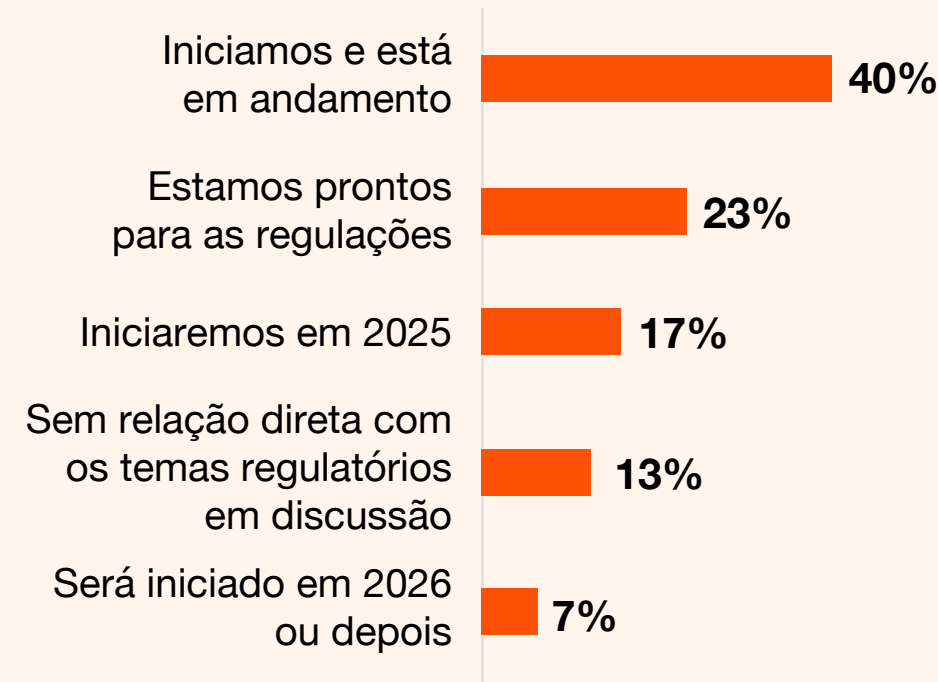


Desafios das novas regulamentações para os negócios

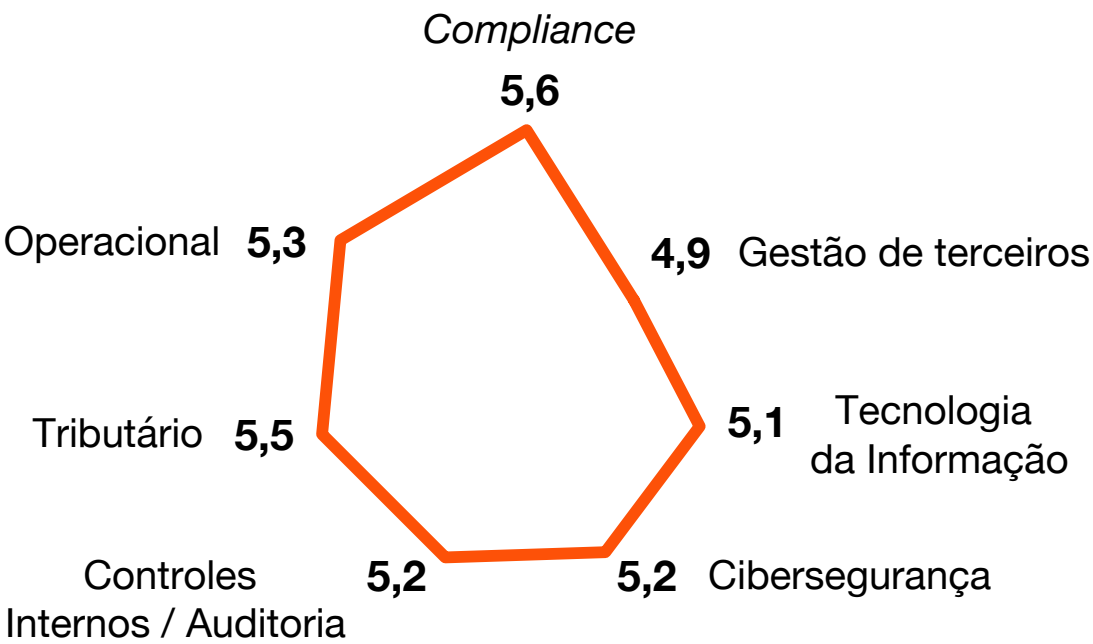


Parte significativa das organizações afirma ter iniciado seus processos de adaptação ou já se declara pronta para as novas regras. As áreas mais exigidas nesse esforço são *compliance*, tributário, controles internos e auditoria, além de cibersegurança e tecnologia da informação. Esse mapeamento indica que a regulação deve provocar mudanças profundas, que ultrapassam a operação e atingem o cerne da governança corporativa.

 Progresso dos esforços para adequação às regulações em discussão



 Áreas mais exigidas (escala de 1 a 8)





Em relação ao prazo de adequação, a expectativa é de consolidação em médio prazo. A maioria das empresas projeta que seus parceiros de negócios estarão alinhados às exigências regulatórias em dois a três anos. Há também um grupo menor que acredita em ajustes mais rápidos, em até um ano.



Prazo estimado de adaptação dos parceiros





07

O futuro dos pagamentos digitais

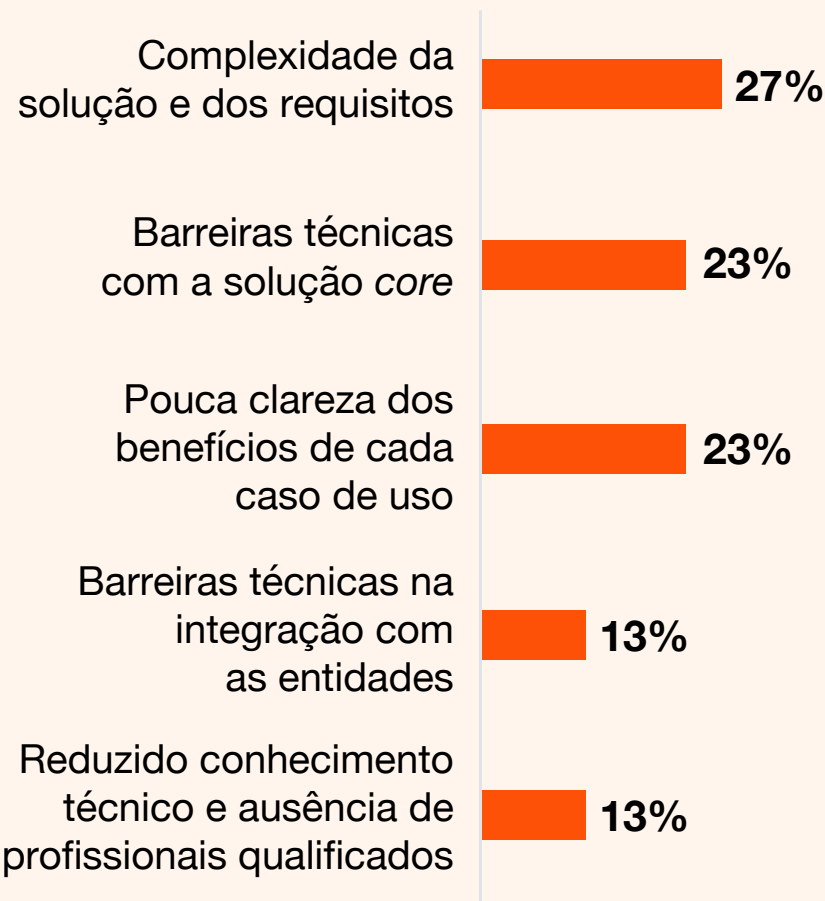
Em 4 de novembro de 2025, o Banco Central do Brasil (BC) anunciou a interrupção da plataforma Drex, o projeto do real digital baseado em *blockchain*, após quatro anos de testes. A decisão confirmou as avaliações divergentes e a postura neutra de parte do mercado que, desde a primeira fase do piloto, já apostava em riscos da iniciativa.

O desligamento aconteceu devido à incapacidade da infraestrutura em atender a requisitos de privacidade e segurança. O resultado da nossa pesquisa reafirma as principais barreiras já observadas no projeto, como: a complexidade da solução e dos requisitos técnicos, e a pouca clareza dos benefícios de cada caso de uso – o que limitava a percepção de valor imediato.

Segundo a nossa pesquisa, problemas técnicos relacionados ao *core* da solução também foram apontados, assim como dificuldades de integração entre entidades e a ausência de profissionais qualificados, ainda que em menor escala. Esses fatores revelam que a fase inicial do Drex foi marcada por obstáculos tanto tecnológicos quanto de comunicação e compreensão prática dos resultados.



Principal barreira observada na primeira fase do Drex





As empresas participantes estavam divididas em suas expectativas sobre a então planejada segunda fase do piloto original, mas a postura majoritária foi de neutralidade em relação à etapa que exploraria casos de uso focados em benefícios ao sistema financeiro e à sociedade, com serviços apoiados em contratos inteligentes.

Na outra ponta, o BC confirmou que criará uma nova infraestrutura para o projeto do real digital. Com a revisão completa, o sentimento misto construído até aqui poderá mudar com a nova iniciativa.

 Expectativa em relação à segunda fase do Drex do projeto original

40% Neutro

30% Desfavorável. A iniciativa tem elevado risco de insucesso

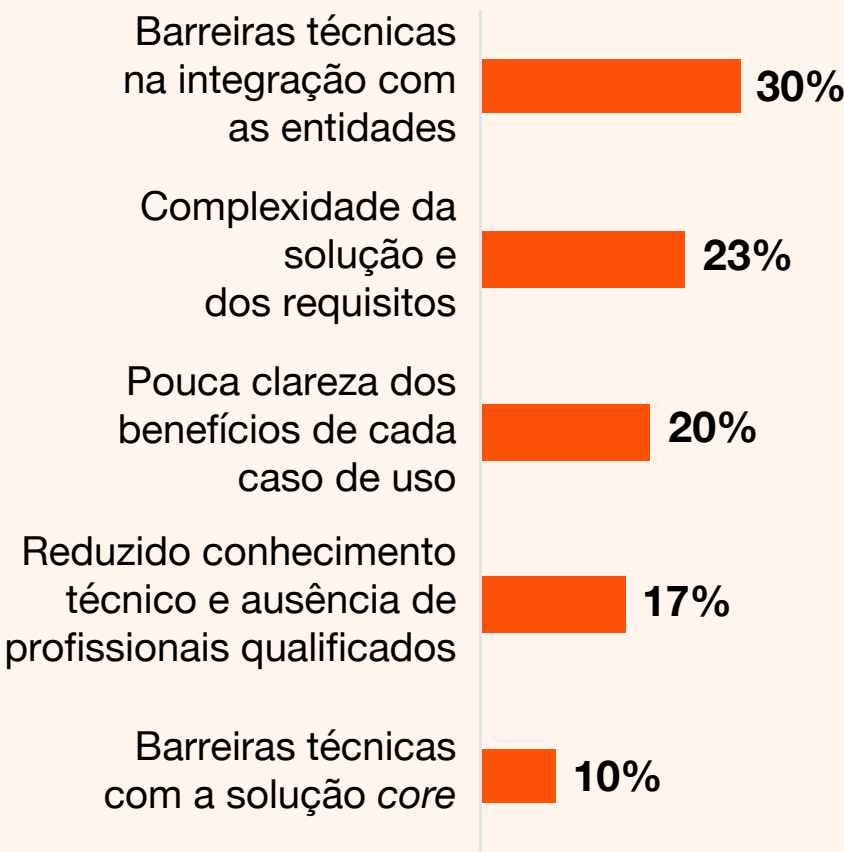
30% Favorável. O piloto está no caminho certo

As barreiras do projeto original também indicavam mudança de foco. Se na primeira fase os desafios estavam concentrados no núcleo tecnológico da solução, cresceu a preocupação com a integração entre entidades e a definição clara de benefícios dos casos de usos, o que demonstra que a viabilidade do Drex dependeu de sua capacidade de operar em escala.

Outro ponto de atenção é a escassez de profissionais especializados, vista como risco relevante e um indicador da necessidade de mão de obra mais qualificada para sustentar o projeto.



Desafios previstos na segunda fase do Drex do projeto original



Em síntese, a paralisação da plataforma Drex valida as percepções divergentes e as incertezas observadas durante os testes. Ao recommear o projeto, o BC deverá focar em um plano de ação mais voltado à capacidade de transformar a complexidade em resultados tangíveis, reduzir as incertezas e demonstrar benefícios práticos ao mercado. A consolidação do projeto passa, portanto, por um equilíbrio entre inovação técnica, clareza regulatória e fortalecimento do ecossistema de talentos e parceiros.



08

Considerações finais

A criptoeconomia no Brasil vive um momento de transição: entre a promessa e a consolidação, entre a inovação e a regulação, entre os riscos e as oportunidades. Os dados desta pesquisa mostram um setor otimista, mas consciente de que precisa enfrentar desafios tecnológicos, regulatórios e de confiança para avançar.

O futuro dependerá da capacidade de equilibrar inovação e segurança, educar consumidores e profissionais, e criar um ecossistema regulado, mas competitivo. O Drex, a tokenização e o fortalecimento das criptomoedas são apenas alguns dos movimentos que poderão transformar o sistema financeiro e abrir espaço para inclusão e crescimento.

Mais do que uma agenda de inovação, trata-se de uma agenda de institucionalização, em que a confiança, a segurança e a capacidade de gerar valor prático se tornam indispensáveis para a expansão sustentável da criptoeconomia no Brasil.

Obs.: nem todos os números somam 100% devido ao arredondamento das porcentagens, a opções de resposta de seleção múltipla e à decisão, em certos casos, de excluir a exibição de determinadas respostas, como “outra”, “nenhuma das anteriores” e “não sei”.



Contatos

ABcripto

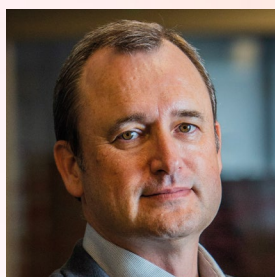


Fábio Cassio Costa Moraes

Diretor de Educação e Pesquisa
da ABcripto

fabio.moraes@abcripto.com.br

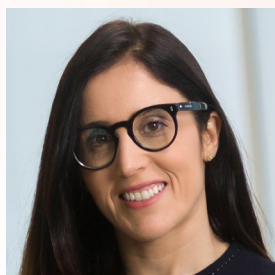
PwC Brasil



Lindomar Schmoller

Sócio e líder de Serviços
Financeiros da PwC Brasil

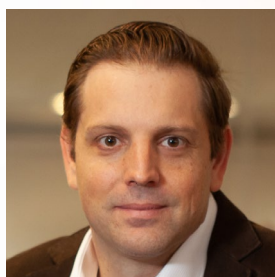
lindomar.schmoller@pwc.com



Ana Gonçalves

Sócia de Digital Assurance
& Transparency – Riscos
e Controles da PwC Brasil

ana.goncalves@pwc.com



Willer Marcondes

Sócio para Serviços Financeiros
na Strategy&

willer.marcondes@pwc.com



Siga a PwC nas redes sociais



Neste documento, “PwC” refere-se à PricewaterhouseCoopers Brasil Ltda., firma membro do network da PricewaterhouseCoopers, ou conforme o contexto sugerir, ao próprio network. Cada firma membro da rede PwC constitui uma pessoa jurídica separada e independente. Para mais detalhes acerca do network PwC, acesse: www.pwc.com/structure